

# Preso pela enchente

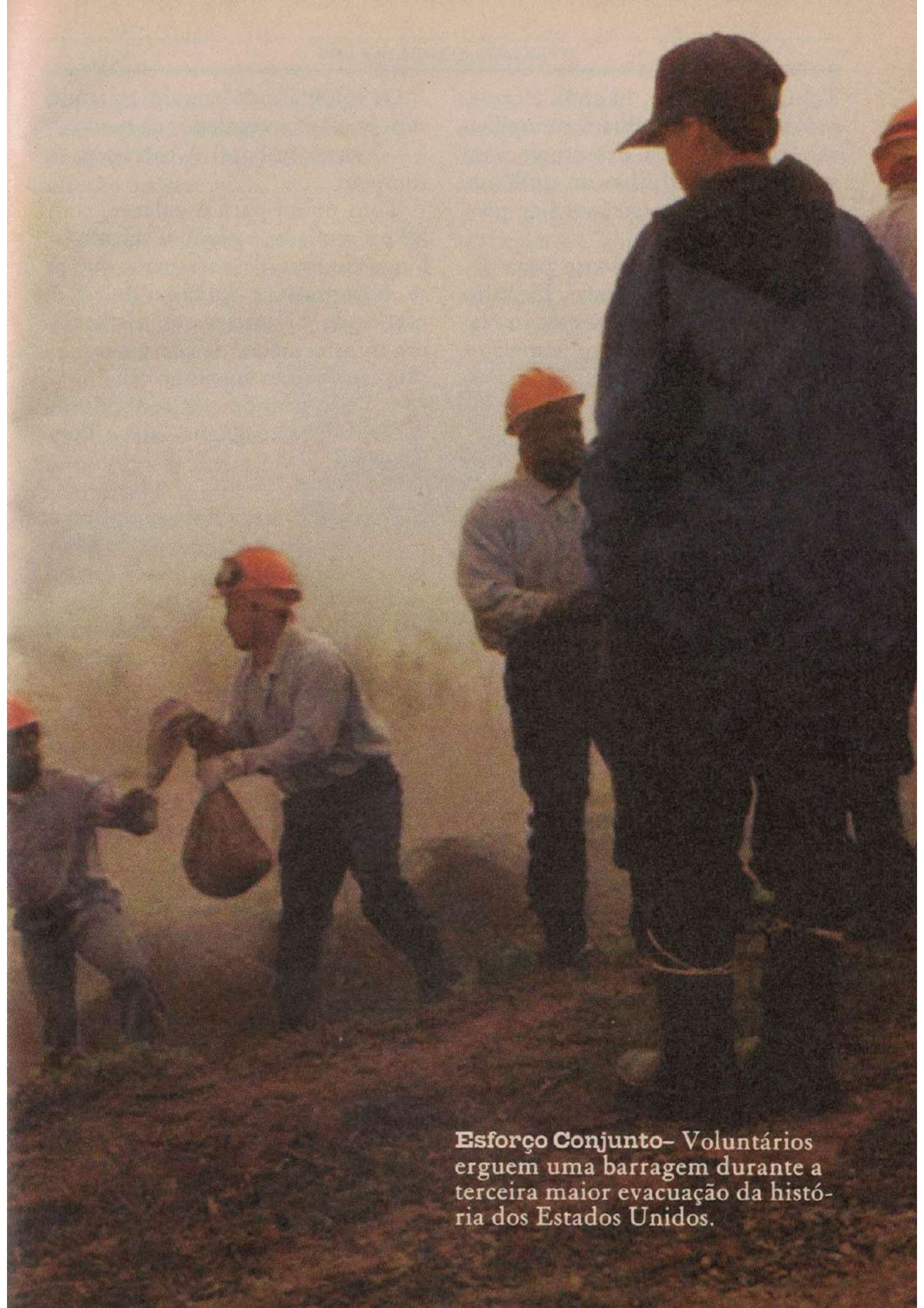
Depois de escapar do avanço das águas, Tom Platter conseguiria salvar também seus vizinhos?

Por ROBERT C. YEAGER

**T**OM PLATTER, 44 anos, ouvia o barulho ameaçador do avanço do Rio Feather. Normalmente o rio ficava cerca de nove metros abaixo do topo da barragem onde Tom estava, mas agora faltava pouco para alcançá-lo. As chuvas tinham sido intensas no mês de dezembro e todos os rios do norte da Califórnia estavam enchendo. Mas a situação era mais desesperadora na baixada próxima de Arboga, cerca de 50 quilômetros ao norte de Sacramento, onde os Platters tinham uma fazenda. Naquele momento, às 20 horas do dia 2 de janeiro de 1997,







**Esforço Conjunto-** Voluntários erguem uma barragem durante a terceira maior evacuação da história dos Estados Unidos.



Tom, o filho Jake, 14 anos, e centenas de vizinhos enchiam e empilhavam sacos de areia, desentupiam escoadouros e patrulhavam quilômetros de barragens em busca de pontos fracos.

Tom esticou o pescoço para observar o vale às suas costas. Ele sabia que o destino da família e de sua fazenda, a cerca de um quilômetro e meio de distância, dependia da resistência da barragem.

**E**M CASA, Robin, a mulher de Tom, sentia aumentar sua apreensão enquanto colocava roupas em mochilas e as jogava na van da família.

Ela e Tom moravam na casa térrea que haviam ajudado a construir há quinze anos. Ao lado ficava a casa de madeira de dois andares dos pais de Tom: Thaddeus, 78 anos, e Lee, 81.

– Se a barragem se romper, será exatamente como antes – garantira Thaddeus a Robin naquele mesmo dia. – Esta casa nunca foi invadida pela água e não é agora que vai ser.

– Assim espero – respondera ela.

Mas o ceticismo revelava-se no comentário de Robin:

– Na enchente de 1986, o rio estava baixando quando a barragem cedeu. Desta vez, ele está subindo.

DE PÉ AO LADO da caminhonete do pai, Jake enrijeceu-se quando viu uma enorme bolha d'água na barragem. Subitamente se ouviu um barulho semelhante ao de uma grande cachoeira.

Os voluntários correram, gritando com os olhos arregalados de medo:

– Vamos embora! A barragem se rompeu!

Tom pulou para o volante, com Jake a seu lado, e guiou o veículo ao longo do topo da barragem, que já se desmoronava embaixo deles. A menos de 400 metros de distância, um transformador de energia explodiu, espalhando faíscas no céu.

– Todo mundo nas redondezas vai ficar debaixo d'água – disse Tom para Jake.

QUANDO O TELEFONE TOCOU, Robin correu para atender. A voz de Tom estava tensa como ela nunca ouvira antes.

– Querida, saia daí! – disse ele. – A barragem rompeu e a água está avançando em nossa direção.

– Onde você está?

– Aqui na casa do papai. Estou indo para aí.

Segundos depois, Tom subia correndo os degraus de sua casa.

– Meus pais vão para a casa dos Akins – disse ele para Robin, referindo-se a amigos que moravam a uns 30 quilômetros dali. – É melhor que você vá também. Eu os encontrarei lá. Vou avisar nossos vizinhos primeiro.

Enquanto dirigia com Jake ao lado, passando pela casa dos sogros e descendo a longa e estreita estrada para a Rodovia Country Club, Robin se esforçava para não olhar para trás. *Podemos perder tudo*, pensava enquanto se dirigia para as proximidades.



dades do Feather River Boulevard. Pelo espelho retrovisor, viu a caminhonete do marido desaparecer na direção oposta.

**T**OM PLATTER bateu à porta de mais de uma dezena de casas. *Nem ao menos conheço a maioria dessas pessoas, pensou. Mas não posso deixá-las aqui para se afogarem na escuridão.*

Correndo de uma casa a outra, continuou a gritar o mesmo aviso que o xerife logo tornaria oficial: evacuar a área – o mais rápido possível.

No momento em que Tom voltava para o Boulevard, a água negra do rio avançava furiosamente pela estrada. Troncos e galhos de árvores flutuantes surgiam diante dos faróis.

Tom tentava esquivar-se deles, mas a água jorrava sobre as rodas da caminhonete, que mal podia se mover. Quando ele pisou no acelerador, o motor gemeu feito uma locomotiva parando e morreu.

Sua fazenda ficava a uns 800 metros a oeste, mas, quando Tom sentiu o veículo erguer-se da estrada e começar a flutuar, pensou que, se a

fazenda ficasse na lua, daria no mesmo. *Você está encrencado de verdade*, disse a si mesmo. *No meio de uma enchente e nem sabe nadar!*

A água começou a jorrar por entre as portas. Tom agarrou uma lanterna no porta-luvas e lançou-se pela janela da caminhonete. Segurando-se no teto da cabine, escorregadio

© JOHN HARDING



**Bravura**– O casal de fazendeiros contou com a ajuda de seu valoroso trator.

por causa da chuva, enganchou a perna direita na borda da carroceria e subiu nela. A água havia atingido um metro e meio de altura e continuava subindo.

Logo depois um pedaço grande de poste bateu na traseira da caminhonete. *Graças a Deus!*, pensou Tom. *É o meu salva-vidas!*



Segurando a lanterna com uma das mãos, pulou na água e abraçou-se ao grosso tronco de madeira, que girava como cilindro de máquina de lavar roupa, enquanto a água chapi-nhava em seu rosto. Mas continuou agarrado ao tronco.

Nesse momento a forte correnteza lançou-o de encontro aos galhos rijos e ásperos de uma ameixeira e ele gritou de dor. Ervas daninhas e arbustos arranharam-lhe as pernas.

Ferido, ensopado e sem socorro à vista, Tom sentiu-se sozinho e desamparado. Então viu adiante algo que o reanimou. As luzes de sua casa ainda estavam acesas: cada janela era um cintilante farol de esperança. Se pudesse chegar até lá, estaria salvo.

Mas isso não seria fácil. Bem ao sul da propriedade havia uma imensa bacia de drenagem, com cerca de 4,5 metros de profundidade, que aos poucos estava sendo inundada.

Por sorte, a correnteza levou Tom diretamente para a fazenda. Soltando-se do tronco, deu alguns passos trôpegos em direção à casa. A água estava agora quase nos joelhos.

Assim que entrou, correu para o telefone e respirou aliviado quando ouviu o sinal de discar. Ligou para a casa de Paul Akins e, como ninguém respondesse, deixou uma mensagem: "Diga a Robin e Jake que ainda estou em casa. Que estou em segurança, mas não pude sair. E que os amo muito."

Desligou, sabendo, no entanto, que não estava em segurança. *Preciso ir para a casa de meus pais e subir para*

*o segundo andar*, disse a si mesmo.

Tom caminhou rumo à casa dos pais com a água entre os joelhos e a cintura. Lá dentro, enxugou-se e vestiu roupas secas.

– Consegui – disse em voz alta, enchendo-se de confiança.

Mas ao olhar por uma das janelas do andar superior o otimismo esvaiu-se.

Uma caminhonete com duas pessoas seguia para oeste na Rodovia Country Club, em direção ao Feather River Boulevard. Tom sabia que nunca conseguiriam chegar lá.

Para chamar-lhes a atenção, apagou e acendeu as luzes do aposento várias vezes. O veículo virou brusca-mente na direção da garagem dos Platters, mas Tom viu com horror a frente da caminhonete afundar. A água começava a cobrir a capota do motor. Tom percebeu que se não fizesse algo as pessoas que estavam no veículo logo seriam arrastadas para a baixada inundada.

**R**OBIN E JAKE seguiam de carro lentamente pelas ruas desertas das proximidades de Marysville, ignorando que faziam parte da terceira maior evacuação da história dos Estados Unidos. No total, mais de 100 mil pessoas seriam obrigadas a abandonar suas casas nos condados de Yuba e Sutter. Três pessoas morreriam afogadas.

Pouco depois das 21 horas, Robin e Jake chegaram à casa dos Akins. As primeiras palavras de Paul Akins foram:



– Tom ligou para dizer que está bem, mas voltou para casa. Não conseguiu sair.

Robin ficou gelada. Percebendo sua preocupação, Jake tentou tranquilizá-la.

– Não se preocupe, mamãe – disse ele. – Papai é muito forte. Ele já esteve em situações difíceis antes.

Tom apontou a lanterna para fora da janela e examinou o velho trator do pai que estava perto da casa. *Se ele funcionar*, disse para si mesmo, *vou buscar aquelas pessoas*.

A água batia na metade das rodas do trator quando Tom subiu para o assento de metal sem forro e deu a partida.

O motor ganhou vida. Enquanto o trator se distanciava da casa, arrastando-se a cinco quilômetros por hora, Tom olhou para a estrada

e viu um homem com uma mulher nos ombros, afastando-se com dificuldade da caminhonete.

A água atingia quase a metade do motor do trator no momento em que Tom alcançou o desamparado casal: Buck e Glenda Fruetel, vizinhos que moravam um pouco mais acima na mesma estrada. Mas como

resgatá-los? Onde poderiam sentar? Com inspiração repentina, Tom teve uma idéia. Abaixou a pá do trator e gritou:

– Subam aí! Rápido!

– Podemos pegar os cachorros? – gritou Glenda quando subiram.

Seus cães estavam presos na caminhonete.



**Resgatados**– Buck e Glenda Fruetel e seus cães foram salvos pela coragem do vizinho Tom.

– Está bem – respondeu Tom.

Ele se dirigiu lentamente para a caminhonete. Buck entrou no veículo a fim de passar os assustados cães para Glenda e voltou ao trator. Tom puxou para trás a alavanca que controlava a pá e suspendeu seus passageiros.

Arrastando-se a passo de lesma de



volta para casa, o trator era fustigado pela água e os Fruetels balançavam para a frente e para trás na pá. A água parecia subir cada vez mais rápido. O cano do escapamento estava pelo menos uns 60 centímetros abaixo da superfície.

Tom sabia que, se a água cobrisse a capota do motor, este logo *morriera*. Balançando acima dele, Buck disse para Glenda:

– Se você sentir que o trator está começando a tombar, pule e nade. A última coisa que queremos é que este trator caia em cima de nós.

Tom não tinha essa opção. Ele não sabia nadar. Quando viraram a esquina, a correnteza aumentou e a água atingiu a capota. Os dedos de Tom agarraram-se ao volante. *Vamos, só mais uns 30 metros.*

Então, quando se aproximavam da casa, o velho trator começou a subir. A profundidade da água era agora de menos de um metro, e eles continuavam avançando.

Com um suspiro de alívio, Tom conduziu com cuidado o trator pela propriedade e lentamente abaixou a pá diante da varanda da frente. Antes de entrarem pela cozinha, os Fruetels pararam, sorriram e agradeceram ao fazendeiro que arriscara a vida para salvá-los.

*Às 3 horas da madrugada um helicóptero resgatou Tom e os Fruetels, levando-os para um aeroporto das proximidades. Na tarde do dia seguinte, Tom encontrou-se com Robin e Jake. Os Fruetels abrigaram-se na casa de parentes.*

## JUSTO ACORDO



Um colega distraído e eu fomos viajar a negócios. Como sempre, ele esqueceu um livro no avião, chegou ao hotel com a bagagem de outra pessoa e depois perdeu a câmera num restaurante.

Voltamos da viagem uma semana depois. Fomos então para o estacionamento pegar o carro dele e descobrimos que ele não tinha as chaves: deixara-as no porta-malas na semana anterior.

Felizmente alguém as havia entregado a um funcionário.

Meu colega estava me levando para casa quando notei que o tanque de gasolina estava vazio e paramos num posto. Depois de pagar a gasolina, ele entrou no carro de novo e partimos.

– Prometa que não conta a ninguém no trabalho que deixei as chaves no porta-malas – pediu-me.

– Tudo bem – concordei. – Contanto que conte que pagou pela gasolina e partiu sem abastecer o carro. –MICHELLE A. BETZEL, *EUA*